

Recebido em: 27/03/2022
Aprovado em: 16/05/2022
Publicado em: 30/09/2022

UMA REFLEXÃO SOBRE A FELICIDADE E INFELICIDADE NO PROCESSO CIVILIZATÓRIO NA SOCIEDADE TECNOLÓGICA DO SÉCULO XXI

A REFLECTION ON HAPPINESS AND UNHAPPINESS IN THE CIVILIZING PROCESS IN THE TECHNOLOGICAL SOCIETY OF THE 21ST CENTURY

Caio Fernando de Castro¹
(caiodcastro86@gmail.com)

Resumo: Na sua obra “*Mal-estar da Civilização*” (1930), Sigmund Freud (1856– 1939) desenvolve uma análise de como o prazer e o desprazer se manifestam na psique do indivíduo, suas relações com o mecanismo psíquico desde o inconsciente até o consciente, do Eu ao Supereu; quais são os efeitos que tais sensações podem causar em nível patológico, além de identificar as fontes genéticas que influenciam no estado de infelicidade do indivíduo. A partir de elementos de áreas de conhecimento como a Antropologia, a Mitologia, a Sociologia e da Religião, Freud desenvolve uma investigação acerca de como se manifesta, no processo civilizatório, a felicidade e a infelicidade. Este artigo apresenta os principais conceitos da obra freudiana acerca da construção do prazer (felicidade) e do desprazer (infelicidade), propondo, além disso, uma reflexão embasada por tais conceitos para auxiliar na compreensão da realidade tecnológica no século XXI.

Palavras-chave: Psicanálise. Tecnologia. Felicidade. Freud.

Abstract: In his book “*Civilization and its discontents*” (1930), Sigmund Freud (1856 – 1939) develop an analysis on how pleasure and displeasure are manifested in the individual’s psyche, what are their relations with the psychic mechanism from unconsciousness to consciousness, from Id to Superego; what are the effects that such sensations can cause in a pathological level, in addition to identifying what are the genetic sources that influence the individual’s state of unhappiness. Using elements from areas of knowledge such as anthropology, mythology, sociology and religion, Freud develop an investigation about how happiness and unhappiness are manifested in the civilizing process. This paper presents the main concepts in Freud’s work about the construction of pleasure (happiness) and unpleasure (unhappiness), proposing, in addition, a reflection grounded in those concepts that can help understand the twenty first century technological reality.

Keywords: Psychoanalysis. Technology. Happiness. Freud.

1 CARACTERÍSTICAS DE FELICIDADE E INFELICIDADE EM FREUD

¹ Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Filosofia pela mesma instituição.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7804696967138206>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9623-137X>.



Na sua obra “*Mal-estar da Civilização*”² (1930), Sigmund Freud desenvolve uma análise de como a felicidade e a infelicidade se desenvolve na psique do indivíduo, suas relações com o mecanismo psíquico desde o inconsciente até o consciente, do Eu ao Super-eu; quais são os efeitos que tais sensações podem causar em nível patológico, além de identificar as fontes genéticas responsáveis por influenciarem tanto para a felicidade quanto para a infelicidade do indivíduo. O presente trabalho pretende, justamente, a partir da análise e explicação das categorias freudianas, abordar o modo como a civilização causa o estado de miséria e infelicidade no ser humano; e, principalmente, como esses conceitos de Freud podem ser aplicados para compreender como a evolução tecnológica – considerando-a um processo da evolução civilizatória – no século XXI contribui para novas formas de felicidade e infelicidade. Parte-se do pressuposto de que a relação social dos indivíduos, além de se dar no ambiente real e presencial, ocorre também no ambiente virtual e remoto.

Primeiramente, faz-se necessário aqui apresentar o que Freud estabelece para os conceitos de felicidade e infelicidade na obra “*Mal-estar na Civilização*” (1930). Uma vez imposto pelo princípio de desprazer, ser feliz torna-se um programa irrealizável, contudo, não se pode abandonar os esforços para a sua realização. Portanto, para essa tarefa, existem dois caminhos: o positivo, compreendido como a obtenção do prazer; e outro, o negativo, que se trata de evitar o desprazer; e que são os principais aspectos que levam o sujeito à realização da meta de ser feliz. Outro apontamento importante nesse trajeto de realização em ser feliz, é que não há um conselho a ser estabelecido universalmente, ou seja, algo que seja válido para todos os seres humanos, portanto, a visão freudiana é que cada indivíduo tem de descobrir sua maneira de ser feliz, tornando a felicidade um sentimento subjetivo. Esse processo subjetivo de realização de felicidade depende de uma dinâmica entre o sujeito e o mundo exterior, de quanta satisfação real ele (o sujeito) pode esperar do mundo, de quanto ele está inclinado a se fazer independente do último e, também, de quanta força ele utiliza para satisfazer seus desejos.

[...] distinguir entre o que é interior – pertencente ao Eu – e o que é exterior – oriundo de um mundo externo -, e com isto se dá o primeiro passo para a

² Compreende-se que esta obra de Sigmund Freud, em sua época tardia de escrita, trabalha diversos aspectos acerca do sujeito, do outro e das suas relações sociais e do desenvolvimento moral nessa relação, o que fornece um conteúdo epistemológico rico para o campo da Filosofia da Psicanálise. Logo, por critérios metodológicos, faz-se necessário um recorte desta importante obra para não se perder e se delongar muito em seu rico conteúdo e, sendo assim, a explicitação conceitual aqui, busca contextualizar e compreender um tema específico abordado em seu trabalho, e qual seja, o da compreensão e das causas da felicidade e da infelicidade a partir do processo de civilização, considerando a tecnologia como um dos aspectos no desenvolvimento da civilização. Além disso, é importante pontuar que tal artigo não busca definir ou determinar nenhuma teoria acerca da Filosofia da Tecnologia partindo de conceitos psicanalíticos, antes, em iniciar uma reflexão sobre o avanço tecnológico e seus desdobramentos na cultura contemporânea.

instauração do princípio da realidade, que deve dominar a evolução posterior. Essa distinção serve, naturalmente, à intenção prática de defender-se das sensações de desprazer percebidas ou das que ameaçam. (FREUD, 2010, p. 19).

Nesse ponto, Freud deixa claro como a constituição psíquica do indivíduo representa o fator principal (dentre vários) para a conquista do prazer, ou seja, quanto mais organizada e adaptável ao meio sua constituição psíquica for, melhor será o aproveitamento do sujeito na busca pelo prazer, de tal forma que “surge a tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal desprazer [...]” (FREUD, 2010, p. 18). Em outras palavras, a constituição da vida psíquica do indivíduo, mais precisamente o seu Eu³ – enquanto aquilo que lhe é mais interno – deve passar por uma evolução para melhor compreender aquilo que lhe é exterior, que faz parte do mundo, que é objeto do “fora”. Essa ação de isolar o Eu do que lhe causa desprazer, de lhe colocar em oposição a um “objeto” (aquilo que se encontra fora), ocorre na tentativa de desenvolver um puro Eu-do-prazer, uma instância primitiva que oferece possibilidades de renúncia ao desprazer. No entanto, ao se deparar com o fato de que algumas coisas que causam prazer são objetos e que algumas coisas que causam desprazer – portanto, que se pretende expulsar – são inseparáveis do Eu, fica evidente que, independentemente do esforço que se faça, não há possibilidade de afastar do Eu todos os tormentos causadores de sua infelicidade, o que resulta em possíveis distúrbios patológicos.

O fato de o Eu, na defesa contra determinadas excitações prazerosas vindas do seu interior, utilizar os mesmos métodos de que se vale contra o desprazer vindo de fora, torna-se o ponto de partida de significativos distúrbios patológicos. (FREUD, 2010, p. 19).

A partir desse pressuposto, o Eu é identificado como uma instância mutável na vida psíquica do sujeito, ou seja, o Eu que se encontra no adulto não pode ser o mesmo encontrado no bebê, pois é implícita a necessidade de uma evolução da vida psíquica para que o indivíduo possa, não só construir, bem como separar aquilo que lhe é interno daquilo que lhe é externo, do mundo, do que se acha no “fora”, de tal forma que “[...] no início o Eu abarca tudo, depois

³ O Eu é apresentado por Freud como uma das três partes da composição da psique humana, juntamente com o Id e o Supereu (ou Superego), formando uma triparte estrutura psíquica do ser humano, lembrando que essa estrutura não é composta por nenhum elemento físico, mas sim psíquico. No Eu (ou no Id) estão armazenados os desejos, as pulsões, a energia psíquica, os instintos mais primitivos. Ele fica alocado no nível inconsciente da mente humana e não conhece elementos sociais; seu objetivo é a realização dos desejos, a satisfação, a expressão sem nenhuma regra a ser seguida. O Eu age sem noção de certo e errado e volta-se, puramente, para a realização de seus impulsos sexuais. Para uma compreensão mais completa consultar “*Obras Completas*” (2010) de Sigmund Freud.

separa de si um mundo externo.” (FREUD, 2010, p. 19). Significa dizer, aquele sentimento do nosso Eu é nada mais do que um pequeno vestígio particular adiante de um sentimento mais abrangente que se encontra na relação que o Eu tem com o mundo que o circunda. A partir dessa constituição psíquica, é possível, segundo Freud, exemplificar como certos indivíduos realizam a busca pelo prazer, na qual o indivíduo erótico buscará uma relação com o outro; o narcisista, na satisfação interna; e o homem de ação, irá testar sua força no mundo externo.

A busca pela felicidade, segundo a investigação freudiana, consiste num processo contínuo que se manifesta em todo ser humano, apesar da felicidade ser esse “bem comum” a ser alcançado por todos, ela não é, em qualquer circunstância, um sentimento universal e pleno. Portanto, a felicidade não é encontrada partindo de uma causa comum a todos, de uma situação cabível em critério de igualdade que por fim resulta no objetivo da felicidade; e não é pleno, pois a felicidade se apresenta como um estado de sentimento momentâneo em face de uma realização libidinal do indivíduo. Em outras palavras, o sujeito tem um desejo – que se manifesta no Eu, de maneira mais primitiva – e busca satisfazê-lo para experienciar uma sensação de prazer e, portanto, alcançar a felicidade. Nesse sentido, a felicidade é o sentimento resultante da sensação de prazer advinda da experiência do desejo instintual encontrado no Eu.

Aquilo que chamamos de “felicidade”, no sentido mais estrito, vem da satisfação repentina de necessidades altamente represadas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico. Quando uma situação desejada pelo princípio do prazer tem prosseguimento, isto resulta apenas em um morno bem-estar; somos feitos de modo a poder fruir intensamente só o contraste, muito pouco o estado. (FREUD, 2010, p. 31).

Portanto, o que fica evidente na afirmação freudiana é que a felicidade é um sentimento momentâneo, passageiro e não um estado pleno de vida, além de ser inteiramente subjetiva, ou seja, cada indivíduo deverá escolher uma maneira particular de ser feliz. Não obstante, essa busca pela felicidade, finalidade para a qual a conduta humana se volta, possui em si uma ambiguidade: quer o afastamento da dor e do desprazer e a vivência de fortes prazeres, de tal forma que, “no sentido mais estrito da palavra, ‘felicidade’ se refere apenas à segunda.” (FREUD, 2010, p. 30). Conforme a análise freudiana, a ação humana se volta nessas duas direções, procurando realizar uma ou outra dessas metas, seja exclusiva ou predominantemente. Para a realização dessas ações o ser humano possui, segundo Freud, diversas instâncias que causam o afastamento da dor e a realização da felicidade, como: o isolamento deliberado como uma salvaguarda disponível contra o sofrimento proveniente de relações humanas e do mundo externo; a intoxicação química a fim de entorpecer o organismo e diminuir a dor;

a vida da fantasia, na qual o sujeito busca a satisfação de desejos dificilmente concretizáveis a partir de ilusões que não perturbam a fruição entre a ilusão e a realidade; o deslocamento da libido pelo aparelho psíquico e a sublimação⁴ dos instintos, o que significa deslocar as metas dos instintos de tal forma que eles não sejam alvos de frustrações do mundo exterior. Segundo o pai da psicanálise, a forma mais eficiente é transformar o instinto e elevá-lo suficientemente a ponto do prazer vir de fontes de trabalho psíquico e intelectual, o qual pode ser entendido como quando um artista dá corpo a sua imaginação e quando um cientista soluciona um problema em busca de uma verdade. O amor, enquanto relação afetiva entre indivíduos e que causa a sensação de amar e ser amado, atitude psíquica familiar a todos os indivíduos, onde, se tem o amor sexual como a mais forte experiência de prazer, estabelecendo-se como uma das formas de felicidade mais primordiais da sociedade; e a satisfação do instinto libidinal original, ou seja, quando o indivíduo consegue, de fato, obter prazer e gozo com o desejo originalmente manifesto pelo seu Eu, é quando não há sublimação, interrupção, ilusão ou qualquer outra técnica empregada contra o instinto libidinal primitivo.

Essas instâncias (ou fatores) variados apresentados, que permitem ao sujeito buscar a sua felicidade, são somente alguns exemplos que Freud elenca, e se apresentam aqui como fatores internos de cada sujeito em sua particularidade. Além dessas instâncias internas, o sujeito precisa desenvolver uma relação com a realidade, o mundo externo. Em outras palavras, o indivíduo desejanse desenvolve uma “[...] constituição psíquica para adaptar sua função ao meio e aproveitá-lo para conquistar o prazer.” (FREUD, 2010, p. 41) que se torna decisiva na determinação do sujeito acerca de quanta satisfação real ele espera do mundo exterior, de quanta força ele se atribui para modificá-lo conforme seus desejos, até que ponto o mundo pode vir a lhe dar prazer e, por fim, como o sujeito pode se tornar independente desse mundo. Essa constituição psíquica, segundo Freud, reside num dos fatores mais importantes, pois é quem regula a constituição libidinal do sujeito na busca do prazer em situações externas.

O êxito jamais é seguro, depende da conjunção de muitos fatores, e de nenhum mais, talvez, que da capacidade da constituição psíquica [...] Quem possuir uma constituição libidinal particularmente desfavorável e não tiver passado apropriadamente pela transformação e reordenação de seus componentes libidinais imprescindível para realizações posteriores, terá problema em obter felicidade da sua situação externa [...] (FREUD, 2010, p. 42).

⁴ A sublimação pode ser compreendida aqui como a transformação de um motivo do instinto primitivo e a sua colocação a serviço de fins considerados mais elevados.

Freud pontua o fato de que o indivíduo precisa ter uma constituição psíquica bem estruturada para fazer a devida relação com o mundo externo, ter noção de como sua relação se dá com o objeto de fora, caso contrário, sem essa evolução, na qual o Eu – que primeiramente abarcou tudo – se não for capaz de separar algumas coisas de si, para compreender e se relacionar com esse mundo externo, culmina na possibilidade de fuga, encontrada na doença neurótica. Com efeito, a investigação freudiana sobre a busca pela felicidade pode ser compreendida a partir de alguns fatores centrais como a sua divisão em obter prazer e ao mesmo tempo afastar o desprazer; ter uma constituição psíquica evoluída para poder construir uma relação entre o mundo externo e o instinto interno do Eu; identificar que a felicidade não é uma condição universal e plena, mas um sentimento causado por motivos particulares de cada indivíduo e uma experiência momentânea. Esse instinto libidinal pela busca do prazer é originário do Eu, portanto, deriva do instinto mais primitivo do sujeito e não conhece aspectos morais como o certo e o errado. Por sua vez, Freud considera a felicidade como algo irrealizável, mas, ao mesmo tempo, algo que não se consegue deixar de fazer. Afirma ainda que o instinto libidinal pode ser deslocado para uma instância de aspecto mais elevado; e, por fim, que a felicidade é o sentimento resultante do instinto primitivo gerado pelo Eu que experienciou o prazer na realização daquele determinado desejo.

Paralelo ao fator de felicidade, Freud também desenvolve uma investigação sobre as fontes da infelicidade, ou seja, sobre as causas de dor e sofrimento impostas ao sujeito, afirmando que “É bem menos difícil experimentar a infelicidade.” (FREUD, 2010, p. 31), e começa a sua argumentação apresentando os três principais causas do sofrimento: a do próprio corpo que, fadado ao declínio, não pode se desfazer dessa dor que lhe é intrínseca; do mundo externo, o qual subjuga o sujeito com poderosas forças destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos, ou seja, do relacionamento social normativo ao qual todos os indivíduos compartilham, sendo que “O sofrimento que se origina desta fonte nós experimentamos talvez mais dolorosamente que qualquer outro [...]” (FREUD, 2010, p. 31). Tendo em vista essa poderosa força como origem da infelicidade, esse artigo busca destacar como as relações humanas no processo civilizatório operam como causa de dor, sofrimento e miséria do indivíduo. É válido citar que, para Freud, a neurose⁵ aparece como uma ameaça à

⁵ A neurose, segundo Freud, surge do conflito entre as instâncias inconscientes, ou seja, existe um conflito entre o Id (componente psíquico regido pelo princípio do prazer) e o Superego (componente psíquico regido pelos ideais e regras sociais internalizadas) e o resultado desse embate – que não pode ser mediado pelo Ego – faz com que o indivíduo comece a se comportar de maneira neurótica. Além disso, a neurose pode estar relacionada aos modelos de identificação e os conflitos psicológicos aos quais a criança é exposta durante a vida. Para uma explicação mais detalhada, conferir (FREUD, 2010)

felicidade do sujeito civilizado, uma vez que este se torna neurótico por não suportar as privações impostas pela sociedade advindas de um ideal cultural. O resultado, então, seria abolir tais privações para o aumento das possibilidades de felicidade – mas, tendo em vista que esse é um feito que beira o impossível, o processo civilizatório e seus ideais culturais, continuam como uma ameaça à busca de prazer do indivíduo.

Antes de explorar como o processo civilizatório e as relações sociais são consideradas causas da felicidade e da infelicidade do sujeito, é preciso compreender que, segundo Freud, a civilização⁶ pode ser entendida como “[...] a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si” (FREUD, 2010, p. 49). Essa conceituação freudiana apresenta-se como uma descrição mais geral da determinação da civilização, contudo, para um melhor entendimento se faz necessário partir de algumas características que a compõem para ser compreendido de maneira mais detalhada, enriquecendo a forma como percebemos não só a própria civilização na qual vivemos, mas também como ocorreu o processo civilizatório do ser humano numa perspectiva psicanalítica. Essas características constitutivas da civilização são chamadas por Freud de *atos culturais*, na medida em que “Vemos como culturais todas as atividades e valores que são úteis para o ser humano, colocando a terra a seu serviço, protegendo-o da violência das forças naturais etc.” (FREUD, 2010, p. 50). Portanto, ao se pensar historicamente, o ser humano possui uma evolução que se efetivou não só por sua capacidade de adaptação, bem como por sua necessidade de dominar uma técnica que lhe permitisse desenvolver aparatos tecnológicos para facilitar-lhe a vida, como, por exemplo, a criação e o uso de variadas ferramentas, a construção de abrigos, a confecção de vestimentas e calçados e, por fim, o domínio sobre o fogo – esse último acontecimento, provavelmente, representou o mais marcante na história do *homo sapiens*, visto que a partir disto, o seu modo de vida passou a ser mais amplo, principalmente no que diz respeito à alimentação. Torna-se evidente nessa atitude técnica do ser humano, o fato de aplicá-la numa práxis, ou seja, a partir da sua capacidade de adaptabilidade, o ser humano desenvolveu uma capacidade de saber-fazer técnico que, partindo de uma fonte de recursos naturais, pôde desenvolver equipamentos e instrumentos que lhe permitem aperfeiçoar seus órgãos, tanto motores quanto sensoriais, ou até mesmo, lhe dá uma oportunidade de

⁶ No título original desta obra (*Das Unbehagen in der Kultur*), a palavra alemã *Kultur* foi traduzida para o português como *civilização* enquanto um aspecto cultural que designa um desenvolvimento das instituições, técnicas e artes em seu sentido mais antropológico, apresentando, assim, o contexto em que é empregada a palavra.

eliminar possíveis obstáculos para o desempenho de algumas atividades, como, por exemplo, desenvolver uma lança a partir de um galho de uma árvore para caça ou escolher uma pedra que seja adequadamente lascada e possa servir como uma lâmina – mesmo sendo ainda um objeto muito rudimentar – e, avançando mais na linha histórica, a criação do óculos e do aparelho auditivo, ambos visando um aperfeiçoamento ou correção de deficiências sensoriais. À essa característica técnica do ser humano, Freud atribui uma concepção de “[...] o cumprimento de todos – não, da maioria dos – desejos [...], isso que o homem, por meio de sua ciência e técnica, realizou nesta Terra onde ele surgiu primeiramente como um fraco animal [...]” (FREUD, 2010, p. 51), além de que, esse aspecto de realização de desejo por meio da ciência e da técnica, fornece ao ser humano uma concepção de onisciência e onipotência antes presente somente em seus deuses enquanto ideais culturais, ou seja, a realização de um desejo inatingível que anteriormente era atribuída somente àquele ideal de Deus criador, agora passa para o indivíduo e, por conseguinte, esse ser humano agora se aproxima desse ideal a partir do momento em que ele também pode ser um criador de coisas, alguém com poder o suficiente para desenvolver e realizar desejos que antes não lhe era possível. Portanto, aqui se demonstram as características civilizacionais de realização do desejo do indivíduo e o ato cultural pautado pela utilidade de coisas a serem desenvolvidas para a civilização.

Portanto, reconhecemos o alto nível cultural de um país quando vemos que nele se cultiva e adequadamente se providencia tudo o que serve para a exploração da Terra pelo homem e para a proteção dele frente às forças da natureza; em suma, tudo que lhe é proveitoso. (FREUD, 2010, p. 52).

Outra característica importante no desenvolvimento da civilização é a preocupação que a sociedade tem para com as coisas que Freud classifica como inúteis, ou seja, aquelas características de uma civilização que não lhe trazem nenhuma espécie de retorno ou valorização pragmática. Dentre elas, está a necessidade do indivíduo em venerar a beleza, ou seja, tudo aquilo que fornece ao sujeito uma sensação agradável perante algo que seja esteticamente belo, tanto natural quanto reproduzido em objetos; esse aspecto de apreço pela beleza é algo que é exigido do indivíduo, assim como, há também, na relação social civilizada, a necessidade de ordem e limpeza, visto que tudo aquilo que está relacionado à sujeira e desordem vai em oposição ao processo civilizatório. A limpeza pode ser entendida aqui como uma obra humana que chama para si um alto grau de desenvolvimento da civilização, e é considerado tão importante que se estende para o corpo humano, ou seja, existe um critério de reconhecimento social que é inteiramente ligado ao estado de higiene da pessoa, na

medida em que se a pessoa possui um certo desleixo com sua higiene pessoal é vista com maus olhos pelo restante da sociedade, ao passo que a pessoa com a higiene bem feita é apreciada dentre o meio social. Por sua vez, a ordem:

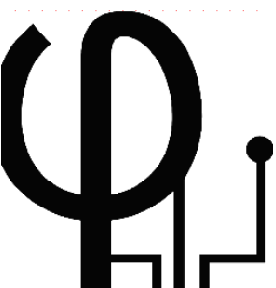
[...] é uma espécie de compulsão de repetição que, uma vez estabelecida, resolve quando, onde e como algo deve ser feito, de modo a evitar oscilações e hesitações em cada caso idêntico. O benefício da ordem é inegável; ela permite ao ser humano o melhor aproveitamento de espaço e tempo, enquanto poupa suas energias psíquicas. (FREUD, 2010, p. 54).

Contudo, a ordem é estabelecida por meio de uma fonte educadora para o indivíduo negligente com suas atividades. Apesar de Freud elencar características da formação da civilização como “úteis” e “inúteis”, em nenhum momento isso significa que possuam um critério de valor uma acima da outra; pelo contrário, Freud (2010, p. 54) defende que “Beleza, limpeza e ordem ocupam claramente um lugar especial entre as exigências culturais”. Isto significa essas características, embora não tenham uma posição pragmática na sociedade, recebem um reconhecimento que vai além de ser somente um “acessório” no processo de formação da civilização; pertencem a um primeiro plano de constituição; são importantes para o indivíduo social. Em seguida, tem um aspecto muito marcante no desenvolvimento civilizacional que engloba o cultivo e a estima por atividades psíquicas elevadas, que se manifestam no propósito de auxiliar a sociedade a manter seu ideal elevado de organização. Essas atividades se encontram entre as realizações intelectuais, científicas, artísticas e até mesmo os sistemas religiosos.

[...] nenhum traço nos parece caracterizar melhor a civilização do que a estima e o cultivo das atividades psíquicas mais elevadas, das realizações intelectuais, científicas e artísticas, do papel dominante que é reservado às ideias na vida das pessoas. [...] se destacam os sistemas religiosos, [...] as especulações filosóficas, e por fim o que se pode chamar de construções ideais do homem, suas concepções de uma possível perfeição dos indivíduos particulares, do povo, de toda a humanidade, e as exigências que colocam a partir dessas concepções. (FREUD, 2010, p. 55).

Por fim, mas não menos importante, existem as relações sociais enquanto modo de regular as relações dos indivíduos entre si em variados âmbitos. O indivíduo pode se encontrar como vizinho, colaborador, objeto sexual de um outro e membro de uma família e de um Estado.

As relações sociais não tratam somente de estabelecer o papel do indivíduo a depender se sua posição perante o próximo, como também os direitos desses indivíduos na sociedade,

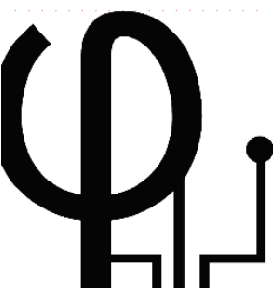


o critério de justiça a ser considerado no coletivo, o modo como as funções sociais em nível institucional se definem para que o relacionamento dentro de uma sociedade civilizada seja estabelecida de uma forma mais igualitária para que as leis, normas e costumes não tenham um critério de arbitrariedade partindo do indivíduo. Em outras palavras, que as regras sociais não sejam determinadas conforme os interesses e instintos do mais forte, logo, “a vida humana se torna possível apenas quando há uma maioria que é mais forte que qualquer indivíduo e se conserva diante de qualquer indivíduo.” (FREUD, 2010, p. 57). Desse modo, forma-se um poder social que se estabelece como um “Direito” contra a força bruta do indivíduo. O estado de poder social sobre o poder individual é, conforme mostra Freud, o passo cultural decisivo e está essencialmente atrelado ao fato de que todos os membros componentes daquela sociedade se limitam individualmente quanto às gratificações, enquanto nesse momento se estabelece a noção de justiça como “[...] a garantia de que a ordem legal que uma vez se colocou não será violada em prol de um indivíduo.” (FREUD, 2010, p. 57). Ou seja, a justiça atua para garantir que o respeito à ordem legal coletiva seja respeitada por todo indivíduo e que tal legalidade, caso violada, permita – em nome da ordem e de um bem maior – aplicar as devidas sanções ao sujeito infrator. Segundo a investigação freudiana, o resultado esperado desse estado de ordem coletiva é de se tornar um direito o qual todos possam contribuir com o sacrifício de seus instintos, além de pretender garantir que ninguém se torne uma vítima por imposição da força bruta do outro.

Evidencia-se nesse caso que a questão da liberdade individual não é apresentada na civilização como um bem cultural, afinal, não é levada em conta quando se trata precisamente da constituição de uma civilização, e como resultado disso, a liberdade individual sofre restrições iniciadas no processo civilizatório e se estendem perpetuamente quando a civilização já está estabelecida; caso contrário iria de encontro ao princípio regulador das relações sociais.

Aquilo que numa comunidade humana se faz sentir como impulso à liberdade pode ser revolta contra uma injustiça presente, e assim tornar-se propício a uma maior evolução cultural, permanecendo compatível com a civilização. Mas também pode vir dos restos da personalidade original, não domada pela civilização, e desse modo tornar-se fundamento da hostilidade à civilização. O impulso à liberdade se dirige, portanto, contra determinadas formas e reivindicações da civilização, ou contra ela simplesmente. (FREUD, 2010, p. 57).

Essa última instância, da relação entre o bem coletivo e a liberdade individual consiste numa das situações mais complexas no processo civilizatório, tendo em vista que



o sujeito, segundo Freud, sempre defenderá o seu direito de liberdade individual perante a coletiva. Portanto, o processo de constituição de um estado de civilização não se importa e nem pergunta ao indivíduo se ele está disposto a sacrificar a liberdade individual em prol de um acordo coletivo, simplesmente impõe-lhe uma condição que faz com que reprima o próprio direito de liberdade em função da civilização. A partir disso, pode-se notar que o critério de equilíbrio entre o desejo individual e o propósito civilizatório são duas forças contrárias que oscilam em cada indivíduo pertencente ao processo, causando-lhe um sentimento de mal-estar decorrente da escolha entre a satisfação do desejo individual, logo, da felicidade, ou do sacrifício particular com a repressão do desejo a lhe causar desprazer e, portanto, a infelicidade.

Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais; é um dos problemas [...] a questão de se este equilíbrio é alcançável mediante uma determinada configuração cultural ou se o conflito é insolúvel. (FREUD, 2010, p. 58).

Diante dessa conceituação de civilização e da contextualização do seu processo, convém salientar que, embora o processo civilizatório seja apresentado como uma busca pelo aperfeiçoamento coletivo cujo resultado visa à perfeição, por outro lado, é a causa da infelicidade, da miséria, da não satisfação de instintos, da privação da liberdade, da renúncia instintual e da neurose no sujeito. De outra forma, demonstra-se um panorama no qual a “civilização” se estabelece como *aprimoramento coletivo de ordem legal a regular as relações sociais dos indivíduos entre si*, ao mesmo tempo em que se manifesta como uma *força impositiva que obriga o sujeito, em sua particularidade, a reprimir seus desejos*, a se desfazer da possibilidade de experimentar o prazer, estabelecendo-se então como a ruína do individual.

Segundo a investigação freudiana, em face do indivíduo, a civilização é fonte de sua miséria, é renúncia dos seus instintos mais primitivos, é privação do prazer e de sua liberdade individual; ela se apresenta como um processo de evolução cultural que se constrói a partir da miséria de cada sujeito que dela faz parte. Como dito anteriormente, existem dois fatores na busca pela felicidade do sujeito: a realização de seus desejos para vivenciar o prazer e afastar a dor evitando o desprazer enquanto causa de infelicidade. Visto que a civilização é a maior e mais complexa causa da miséria e da infelicidade do sujeito, de que recurso(s) ele dispõe para mediante tamanha força impositiva, continuar a buscar a vida civilizada? Retorna-se ao conceito de *sublimação*.

A sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada. Cedendo à primeira impressão, seríamos tentados a dizer que a sublimação é o destino imposto ao instinto pela civilização. (FREUD, 2010, p. 60).

Assim, a sublimação revela-se como um fator de suma importância para a saúde psíquica do indivíduo civilizado, pois, uma vez inserido numa sociedade onde as relações são ordenadas a partir do bem comum e não do bem individual. Na qual, o desejo mais primitivo de cada ser humano é reprimido por uma força maior; mas que, apesar disso, precisa dar vazão aos desejos libidinais, por isso a sublimação aparece como uma possibilidade de transformar as ações do Eu - daquela instância psíquica que desconhece o julgamento de certo e errado e cuja função originária é propiciar a vazão dos prazeres do indivíduo -, em ações socialmente positivas. Visto ser deveras perigoso, além de complexo, privar o sujeito de um instinto de prazer, submetendo-o assim à possibilidade de ser alvo de graves distúrbios.

2 PENSAR A TÉCNICA COMO FATOR NO PROCESSO CIVILIZATÓRIO

A técnica (e a tecnologia⁷ derivante desta) pode ser compreendida em diversos âmbitos, como em sua perspectiva antropológica, enquanto um fazer humano, quanto na sua definição instrumental dada como um meio para fins; e até mesmo em sua determinação metafísica, enquanto um modo de manifestação do mundo. Tais definições são as mais comuns atribuídas à técnica, seja em sua vertente originária da Grécia antiga - ou técnica clássica -, enquanto de um saber que permite ao ser humano um fazer, logo, uma atitude prática (*práxis*); seja na definição da técnica moderna (ou contemporânea)⁸ de um simples saber humano que permite à ciência, por meio do cálculo, dominar aquilo que é natural, portanto, um domínio da natureza pela aplicação técnica à ciência, conforme o filósofo alemão Martin Heidegger expõe em sua conferência “*A Questão da Técnica*” de 1953. Contudo, para o autor, a técnica não está ligada somente à sua questão antropológica e instrumental, ela é algo mais complexo e profundo possuindo uma essência, além de ser um modo de se chegar à verdade. Nesse sentido, pode ser

⁷ Por *tecnologia*, deve ser entendido aqui toda e qualquer ferramenta, acessório e/ou instrumento artificial resultante da aplicação de um determinado conhecimento técnico do ser humano.

⁸ Para contextualização de termos, tanto a expressão *técnica moderna* quanto *técnica contemporânea*, terão aqui o mesmo sentido semântico, ou seja, ambas fazem menção ao conhecimento técnico e tecnologias contemporâneas que surgiram a partir da Revolução Industrial. Isso se dá pelo fato de que algumas citações apresentadas aqui usam a primeira expressão, ao passo que a segunda é escolha particular do pesquisador.

entendida como um diagrama epocal, ou seja, um modo de manifestação do mundo numa determinada época. É dessa forma que Heidegger difere a técnica clássica (um saber-fazer e um instrumento para fins) da técnica contemporânea (modo de desocultamento da verdade), ou seja, “Técnica é um modo de desabrigar. A técnica se essencializa no âmbito onde acontece o desabrigar e o desocultamento. Onde acontece a *aletheia*.” (HEIDEGGER, 2007, p. 381). E além da função de desvelamento, a técnica moderna⁹ pode ser compreendida, a partir desse desabrigar e aplicada à ciência, como uma forma pela qual o homem busca dominar a natureza, de modo que “O desabrigar imperante na técnica moderna é um desafiar (*Herausfordern*) que estabelece, para a natureza, a exigência de fornecer energia suscetível de ser extraída e armazenada enquanto tal.” (HEIDEGGER, 2007, p. 381). É válido ressaltar que, para o filósofo alemão, a técnica aplicada à ciência permite ao homem dominar tudo aquilo que seja proveniente de alguma fonte natural, uma vez que a ciência não pensa, ela calcula; em outras palavras, o cálculo científico é a técnica humana dominando os recursos naturais em prol de uma evolução tecnológica.

A partir dessa breve reflexão é possível compreender a tecnologia *como uma aplicação da técnica no processo histórico da humanidade e, conseqüentemente, em sua evolução para um estado civilizatório mais organizado*. Pensando historicamente, um dos acontecimentos tecnológicos mais marcante – senão, o mais marcante - foi a Revolução Industrial, iniciada na segunda metade do século XVIII, cujo ápice foi no decorrer do século XIX, sobretudo na Inglaterra. Esse acontecimento, sem dúvidas, provocou impacto na sociedade da época e pode ser considerado o estopim para transformações significativas nos processos de manufatura de produtos, como, por exemplo, o surgimento de máquinas-ferramenta que substituíram algumas produções artesanais; e o emprego de máquinas a vapor e a substituição da madeira pelo carvão como combustível. Desde o seu início no século XVIII, esse tipo de melhoria maquinística se tornou um fenômeno constante no processo civilizatório da humanidade, ocasionando novas transições conhecidas como a Segunda Revolução Industrial, com ênfase em melhorias nas áreas de elétrica, mecânica e petroquímica; e a Terceira Revolução Industrial ou Revolução Digital, contemplando o desenvolvimento da eletrônica digital, da automação industrial e das transformações nos sistemas de telecomunicações. Especificamente, no início dos anos 2000,

⁹ A questão da técnica na filosofia heideggeriana é uma temática muito mais vasta e complexa, interagindo com toda a investigação ontológica que o filósofo alemão desenvolveu desde sua Magnum opus “Ser e Tempo” (1927), porém, por questões metodológicas não será explorado nesse artigo todo o universo que se envolve na excepcional Filosofia da Técnica desenvolvida por Heidegger. Para um maior aprofundamento nessa área, conferir sua conferência “A questão da técnica” de 1953, e a obra de Francisco Rüdiger “Martin Heidegger e a questão da técnica” de 2014.

como efeito das revoluções industriais mencionadas – em especial a Revolução Digital que, após o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ocasionou um expressivo desenvolvimento tecnológico na eletrônica, na computação e na robótica –, cientistas dos Estados Unidos e da Europa desenvolveram pesquisas no campo científico que hoje se conhece como Convergência Tecnológica. Tal campo científico se dá a partir de um propósito unificado e interdisciplinar entre diversas áreas que até o fim do século XX atuavam separadamente, cada qual em seu campo de conhecimento especializado.

A evolução mais notável nesse campo da interdisciplinaridade científica foi o surgimento da Convergência Tecnológica NBIC e trata-se da união de quatro áreas específicas da ciência contemporânea: a Nanotecnologia, a Biotecnologia, a Tecnologia da Informação e as Ciências Cognitivas, partindo do pressuposto de que “neste momento na evolução da conquista técnica, a melhoria da performance humana pela integração das tecnologias se torna possível.” (ROCO; BRAINBRIDGE, 2002, p. IX)¹⁰, ou seja, em prol de uma melhoria civilizacional e, conseqüentemente, da performance humana e da sua qualidade de vida, a evolução tecno-científica buscou unir diferentes áreas de pesquisa – que antigamente eram até opostas – na busca por um mesmo objetivo comum.

A expressão “convergência tecnológica” se refere à combinação sinérgica dessas quatro maiores competências da ciência e da tecnologia NBIC (nano-bio-info-cogno), as quais estão atualmente avançando em um ritmo acelerado: (a) nanociência e nanotecnologia; (b) biotecnologia e biomedicina, incluindo engenharia genética; (c) tecnologia da informação, incluindo computação e comunicação avançada; (d) ciências cognitivas, incluindo neurociência cognitiva.” (ROCCO; BAINBRIDGE, 2002, p. IX, tradução livre)¹¹

Portanto, podemos perceber que o fenômeno da Convergência Tecnológica NBIC, apresenta-se como possibilidade de inserir a técnica - compreendida, em suas determinações clássica e moderna, respectivamente, como um saber que produz algo quando aplicado numa práxis e um meio para fins em busca de uma aplicação à ciência para domínio de recursos naturais – cada vez mais como uma parte fundamental da cultura humana, da melhoria social e da evolução da sociedade enquanto civilização. Não se pode pensar, conforme afirma o filósofo e tecnologista francês Gilbert Simondon em sua obra “*Dos modos de existência dos objetos*

¹⁰ “At this moment in the evolution of technical achievement, *improvement of human performance through integration of technologies* becomes possible.”

¹¹ “The phrase ‘convergent technologies’ refers to the synergistic combination of four major NBIC (nano-bio-info-cogno) provinces of science and technology, each of which is currently progressing at a rapid rate: (a) nanoscience and nanotechnology; (b) biotechnology and biomedicine including genetic engineering; (c) information technology, including advanced computing and communications; (d) cognitive science including cognitive neuroscience.”

técnicos” (1958), que o objeto técnico desenvolvido pelo ser humano não seja parte da sua cultura, visto que “[...] o homem tem por função ser o coordenador e inventor permanente das máquinas que o cercam. Está entre as máquinas que funcionam com ele.” (SIMONDON, 2020, p. 46), da mesma forma “O que reside nas máquinas é realidade humana, é gesto humano fixado e cristalizado em estruturas que funcionam.” (SIMONDON, 2020, p. 47). Dessa forma, Simondon, ao contrário de Heidegger, além de trazer a técnica e a tecnologia para uma perspectiva imanente (não transcendente), possui uma visão menos “intensa” sobre a técnica, uma vez que, para o filósofo francês, os seres técnicos, ou ainda melhor, os objetos técnicos existem a partir de uma manifestação do ser humano; diferente de Heidegger que apresenta a técnica como modo totalizante de manifestação do mundo no intuito de desvelar o ser de modo objetivo, Simondon a vê como um modo de existência pelo qual o ser humano se manifesta, e no objeto técnico, uma maneira de interagir no mundo, uma forma do homem deixar a sua marca num mundo por meio da criação de objetos artificiais. Em outras palavras, é a maneira pela qual o ser humano interage com os entes tecnológicos, entes que ele mesmo pensou, inventou, desenvolveu e que agora coordena, pois, esses objetos técnicos só são o que são porque o ser humano fez deles o que são a partir de sua necessidade existencial. Em suma, de acordo com a filosofia simondoniana, *a técnica é uma extensão à própria sociedade e o fenômeno técnico é considerado e deve ser entendido como algo pertencente ao ser humano*, de tal modo, há no pensamento do filósofo francês, uma externalização do sujeito através da filosofia da técnica.

[...] essa relação homem-máquina se realiza quando o homem, através da máquina, aplica sua ação no mundo natural. Então a máquina torna-se veículo de ação e informação, numa relação em três termos – homem, máquina, mundo -, na qual a máquina se situa entre o homem e o mundo. [...] a máquina serve então [...] como retransmissora [...] mas o homem continua a ocupar o centro desse indivíduo técnico complexo que é a realidade constituída por homem e máquina. (SIMONDON, 2020, p. 135)

Assim é possível refletir acerca da tecnologia enquanto fator do desenvolvimento civilizatório e de equilíbrio social, ou seja, como que a tecnologia se apresenta na interação entre o social e o coletivo, uma vez que “Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre exigências individuais e aquelas do grupo, culturais [...]” (FREUD, 2010, p. 58); o quão impactante é o efeito causado por ela no cotidiano; e, além disso, quão assustadora é a dependência da tecnologia atualmente para manter a sociedade em funcionamento. A partir da premissa

de Freud sobre felicidade e infelicidade, é possível imaginar que esse avanço tecnológico seja um dos fenômenos possíveis ao qual se pode atribuir como causa de prazeres e de tristezas, pois carrega em si uma possibilidade no desenvolvimento de ambiguidades. Não obstante, compreendendo que a evolução cultural surge como um *processo* peculiar que se desenrola na humanidade, além de que “Podemos caracterizar este processo pelas mudanças que ele efetua nas conhecidas disposições instintuais humanas [...]” (FREUD, 2010, p. 59), não se pode considerar a manifestação da técnica, por meio da tecnologia, como um fenômeno não participativo nesse processo. Adentrando mais na contextualização da cultura, Freud nos apresenta que esta, enquanto processo de desenrolar da humanidade, é um processo a serviço de Eros na busca pela união de indivíduos isolados, a partir de estruturas mais simples como famílias e amigos, até as mais complexas, como povos e nações, formando uma grande unidade que pode ser compreendida como *humanidade*, de tal forma que, “essas multidões humanas devem ser ligadas libidinalmente [...]” (FREUD, 2010, p. 90), em outras palavras, durante esse processo de construção e desenvolvimento cultural da humanidade, uma das forças principais de sua união é justamente a pulsão de vida, o Eros que, enquanto desejo libidinal direcionado à construção do coletivo acaba por não prejudicar o indivíduo. Contudo, há um alerta a ser considerado nessa operação, pois, segundo Freud, um dos obstáculos mais perigosos nesse processo seria a pulsão de morte, aquele desejo de destruição visto que “[...] o pendor à agressão é uma disposição de instinto original e autônomo do ser humano [...]” (FREUD, 2010, p. 90), estabelecendo, portanto, a agressão, e a violência e a destruição proveniente dela, como uma força inerente do sujeito, a qual se manifesta para agir contra a pulsão de vida e a união dos indivíduos.

A partir desses aspectos de desenvolvimento cultural, ao inserir a tecnologia como um dos fatores nesse processo enquanto um fenômeno detentor de ambiguidades, é possível analisá-la como um objeto a ser estudado mais detalhadamente, tanto psicanalítica quanto filosoficamente. Se a técnica, enquanto um saber para produção tecnológica, pode ser compreendida no âmbito antropológico, não analisar a tecnologia nessa perspectiva seria algo ingênuo a ser feito, considerando o tamanho de sua inserção na sociedade, além de ser um produto não só de ação, mas de interação do ser humano, conforme analisado por Heidegger e Simondon.

Por um lado, enquanto aqueles que desenvolvem e fornecem a tecnologia em prol de um avanço da civilização gozam de momentos de prazer como o retorno de sua atividade; os que delas se utilizam, são alvos, não só de felicidade e prazer, ao utilizá-las para trabalho, interagir com entes queridos que se encontram distantes e até para o estudo, mas

também, de uma tristeza e angústia considerável, seja pelo fato de terem sido substituídos nas funções laborais por máquinas; pelo fato de operar máquinas e sofrerem acidentes (até eventuais mortes); ou, simplesmente, por meio da utilização da tecnologia em seu cotidiano - seja por felicidade, necessidade ou dependência.

Um bom exemplo para refletir atualmente sobre como a tecnologia¹² tem um efeito ambíguo na realidade do sujeito, afetando o seu estado de felicidade e infelicidade, está relacionada ao uso das plataformas digitais de interação – não somente as redes sociais, uma vez que essa é uma área específica dentro do avanço tecnológico aqui explorado -, antes, tal análise pretende abranger todo o universo tecnológico do século XXI, tendo seu ápice, na miniaturização do computador em *smartphone*. Isso tem como efeito a possibilidade de fazer com que a informação¹³, antes acessada em fontes estáticas – em jornais, revistas, aparelhos de TV e rádio – seja transformada em algo móvel, transitório e acessível a qualquer hora em qualquer lugar, além de ser algo extremamente valioso, e que percorre as redes, por meio da Internet, bombardeando a sociedade, ora com notícias agradáveis, ora com notícias desagradáveis. Essa nuance abrupta promovida pela circulação da informação causa no sujeito uma enxurrada de sentimentos, em um momento se encontra num estado de êxtase em virtude de uma notícia boa, de uma mensagem agradável de algum amigo, parente ou companheiro, uma promoção profissional que lhe aparece como fonte de prazer e felicidade; ao passo que, em questão de segundos transforma-se numa angústia, num mal-estar e numa tristeza ainda maior a partir de acontecimentos infelizes disparados por diversas formas de propagação midiáticas, as quais, como fontes de manifestação externa o sujeito não pode controlar. Isso ocorre tanto por sítios eletrônicos quanto por redes sociais, causando primeiramente, uma cisão emocional no indivíduo e, logo em seguida, uma inversão do estado de prazer eufórico para uma angústia e melancolia devastadora.

No âmbito das tecnologias materiais, temos máquinas automatizadas substituindo o trabalho humano; aplicativos bancários que efetuam operações financeiras em questão de segundos – que antes demandava horas em agências; sítios eletrônicos de busca que substituíram as vastas enciclopédias de livros e *smartphones* que reuniram em um só lugar, aparelhos como: TV, rádio, câmera fotográfica, telefone e aparelhos de som, exemplos fáceis

¹² Vale citar que o avanço tecnológico é um fenômeno vasto demais para ser abordado como um todo nesse artigo, logo, é necessário um recorte analítico de como a tecnologia se manifesta como um fenômeno que pode ser analisado a partir da perspectiva freudiana enquanto parte do processo civilizatório.

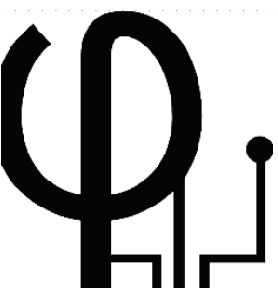
¹³ O conceito de *Informação* aqui deve ser considerado como *todo conteúdo que gera um conhecimento a partir de uma interação com o mundo exterior*. Esse recorte se faz necessário, uma vez que o conceito de Informação possui diferentes significados nos mais diversos âmbitos, seja na filosofia, na física, na comunicação ou na tecnologia de informação.

de se notarem acerca da evolução tecnológica e a relação com o processo civilizatório. No caso de tecnologias digitais, o *e-mail* e as mensagens eletrônicas trocadas em minutos substituíram as cartas, que muitas vezes levavam dias para chegarem; as videolocadoras passaram a se chamar “plataformas de *streaming*” – e como antigamente, existem várias; as vastas prateleiras de bibliotecas possuem uma concorrência digital, em que os indivíduos tecnológicos leem livros digitais e não materiais; o telefonema, antes usado para comunicação a longas distâncias, teve a função desbancada pelos aplicativos de conversas que permitem gravar áudios os quais os interlocutores podem ouvir caso queiram e no momento em que desejarem; jornais, revistas, quadrinhos, coleções, álbuns adquiridos antes em lojas e bancas de jornal, foram transformados em sítios eletrônicos, *blogs*, canais, *podcasts*. Em face disso, a informação não é mais estática, passiva, aguardando um leitor adquiri-la; ela é algo móvel, itinerante e ativo; a informação permeia os ambientes sociais, nas mais variadas formas, sejam textuais, gráficas ou em áudios, não importa mais se o sujeito quer saber de determinado tema, em algum momento uma dada informação é divulgada e chega até aquele sujeito devido à sua grande possibilidade de propagação ativa.

O sentido da evolução cultural é a luta entre o instinto de vida e o de morte e o perigo da tecnologia reside, partindo de uma perspectiva psicanalítica, justamente em sua capacidade de se tornar um campo que provoca a possibilidade – no processo civilizatório – de embate entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. A partir disso, é possível analisar a técnica e o avanço tecnológico como um dos fatores culturais contemporâneos para o desenvolvimento da civilização, assim como sua parcela de responsabilidade e ambiguidade como fonte de felicidade e infelicidade a partir dos variados modos de manifestação, em sua forma física e material ou em sua forma digital. Contudo, se deve tomar cuidado com a possibilidade de cair em um reducionismo ao atribuir ao sujeito *o uso* que ele faz da técnica e dos artefatos tecnológicos a sua disposição, uma vez que a proposta da reflexão apresentada não é a intencionalidade dos atos do indivíduo e as consequências resultantes desse ato,¹⁴ mas sim, como que as manifestações externas da realidade, as ações contingentes do mundo (e do Outro), as quais estão fora do controle do eu, afetam cada indivíduo e como se apresentam, às vezes, como causa de prazer e em outras vezes, como causa de desprazer. Isso a torna objeto de estudo baseado nos conceitos psicanalíticos em geral e freudianos, buscando uma compreensão desse

¹⁴ Não obstante, uma reflexão acerca da moralidade e das ações humanas provenientes da técnica é um tema de suma importância no debate da Filosofia da Técnica e merece um espaço dedicado ao seu desenvolvimento. Por motivos metodológicos, esse artigo não se dá à luz da ética da técnica, tampouco encerra esse debate, antes, possa ser lido como um componente gerador para demais provocações.

fenômeno e como se manifesta ao sujeito; como se dá o relacionamento sujeito-tecnologia; qual o horizonte de sentido que o fenômeno tecnológico exerce sobre a sociedade, compreender a sua importância sociocultural e, principalmente, quais os efeitos que a tecnologia causa – e pode vir a causar ainda mais – na psique do sujeito e nas patologias psíquicas que já se encontram nos principais autores e livros na história da psicanálise.



REFERÊNCIAS

- BERNARDO, Cristiane H. C.; CHAVES, Viviane H. C. Norbert Wiener: história, ética e teoria. *História*, v. 39, 2020, p. 1 – 18. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2020017>.
- CRAIA, Eladio C. P. Heidegger e a técnica: sobre um limite possível. *Revista Aurora*, Curitiba, v. 25, n. 36, p. 241-264, jan./jun. 2013. DOI: <https://doi.org/10.7213/revistadefilosofiaaurora.7773>.
- FREUD, Sigmund. *Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930 – 1936)*. São Paulo: Companhia das Letras: 2010.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. *Scientiae Studia*, v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>.
- LOPES, Charles L. R. As revoluções industriais e o surgimento do proletariado urbano. In: *VIII Seminário internacional de integração étnico-racial e os objetivos do desenvolvimento sustentável*, 2020, on-line. Anais do VIII Seminário internacional de integração étnico-racial e os objetivos do desenvolvimento sustentável, Guarulhos, Brasil para todos – Revista Internacional, vol. 8, n. 1, p. 22-26. Disponível em: <https://ojs.eniac.com.br/index.php/Anais_Sem_Int_Etn_Racial/article/view/646>. Acesso em: mar. 2022
- MOREIRA, Jacqueline de O. A alteridade no enlaçamento social: uma leitura sobre o texto freudiano “O mal-estar na civilização”. *Estudos de Psicologia*, n. 10, Ago/2005, p. 287 – 294. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000200016>.
- ROCO, Mihail; BAINBRIDGE, William. *Converging Technologies for Improving Human Performance: Nanotechnology, Biotechnology, Information Technology and Cognitive Science*. 1ª ed. Arlington: NSF, 2003.
- SIMONDON, Gilbert. *Do modo de existência dos objetos técnicos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

